

ALFINETE

Edmar Monteiro Filho¹

O paciente apelidado Alfinete está sentado diante de mim, perfurando-me com seus olhos escuros e seu silêncio arregalado. É alto, magro, ereto, sua pele cinzenta. Já não tem recebido medicamentos, senão um antidepressivo levíssimo, mas jamais poderia dizer com segurança se está curado. Acredito que sua personalidade doente jaz atordoada, mas vigilante, por detrás de nossos cuidados. Sou médico psiquiatra há muito tempo e não tenho ilusões. Uma vez adquirida a liberdade perante a razão, é inevitável que se volte a experimentá-la, como um vício. Para tal, bem sei, basta um desejo, um desejo que não passe pelo mecanismo das escolhas, que parta como um reflexo, uma consequência, uma gota de sangue tão logo um corte num dedo.

Alfinete me parece bem, ao seu modo calado. Chegou-nos sem nome ou documentos e os Assistentes Sociais nada puderam fazer quanto a localizar parentes, amigos ou conhecidos. Diz-nos que não tem ninguém, que é só, que as únicas pessoas com quem se relacionava eram a dona e os moradores do cortiço em que fora encontrado. Perguntaram a alguns dos vizinhos, mas poucos deles chegaram a vê-lo, nenhum jamais trocara uma palavra sequer com ele. A polícia esteve no hospital para trazê-lo - absolutamente apático e de tal modo deprimido que tememos por sua vida - e voltou dias depois para tentar interrogá-lo acerca do duplo suicídio ocorrido na velha casa de cômodos. Afonso, o chefe de investigadores é velho companheiro de noitadas, antes que passasse por aqui e deixasse de beber completamente (seu momento de liberdade). Relatou-me que a dona do cortiço morrera por ingestão de fortíssima dose de veneno de rato, "morte ruim, doutor". Com o que agora me chama de doutor... O morador do porão fora encontrado balançando-se com uma corda no pescoço, seus pés quase tocando o solo, tão baixo era o teto. Os demais moradores - cinco ou seis, inclusive um casal e seu filho de cerca de um ano - haviam desaparecido sem deixar vestígios. Segundo Afonso, a hipótese de suicídio estava praticamente certificada, e nem valeria mesmo a pena mexer muito com aquilo. Alfinete fora achado encolhido num

¹ Mestrando em Teoria Literária pela UNICAMP.

canto de seu quarto imundo e nada soubera dizer acerca das mortes. Não foi possível confirmar qualquer ligação mais estreita com os suicidas, mas toda a equipe médica concorda que ao tomar conhecimento delas provavelmente desencadeou-se a crise que o trouxe até aqui.

Espetado em sua poltrona, Alfinete esboça um sorriso quando lhe comunico a alta. Mostrou grandes habilidades em carpintaria e jardinagem, o que irá garantir-lhe um meio de subsistência, digo-lhe. A Assistência Social efetuou alguns contatos e trouxe-lhe alguns endereços. Pareceu-me satisfeito, sossegado. O que me incomoda nele? Na certa seus olhos imensos, como um espelho negro em que vejo refletida minha imagem enquanto falo. Incomoda-me também sua irremovível negativa em revelar suas origens. Pelo seu estado é possível afirmar que tal recusa se deva tão somente a uma opção que nada pudemos fazer para alterar. Incomoda-me, afinal, um resquício, um resquício doente que parece amotinar-se e sorrir para mim de algum ponto de seu silêncio, algo que não impede que permitamos sua saída, sua volta ao mundo neurótico e psicótico que existe fora dessas paredes. Trata-se de algo que repercute como uma bola num quarto vazio, talvez um traço esquizofrênico que não consigo localizar com precisão, mas que sei que ali está, à espera de seu momento. Interrogo-o sutilmente, em busca de algum mínimo traço revelador. Antes, já o fizera, já lhe determinara as pequenas tarefas para avaliar como está sua memória, seu grau de ansiedade, indiferença, ou de atenção e saíra-se bem em todas elas. O quê, então? O que estará ocultando por detrás de sua falsa tranquilidade? Mesmo ciente da incompetência quase absoluta dos doentes mentais para ocultar uma mentira, sei que - e sei que o faz de um modo deliberado - esconde-se de mim com a perfeição de sua astúcia.

Nos primeiros dias, seu estado de total indiferença havia impedido qualquer contato. Então, olhá-lo nos olhos era mergulhar num abismo frio, desagradável. Quando foi possível, trouxeram-no para a entrevista inicial, e ali estivera, na mesma cadeira de onde me olha enigmaticamente agora. Falara então dos suicídios com uma naturalidade impressionante, e por ter afirmado que soubera deles antes que tivessem ocorrido quase me trouxe a suspeita de que pudesse estar envolvido com as mortes. Depois afirmou que já presenciara tantos suicídios, em circunstâncias, locais e de modos tão diversos, que

estava habituado a eles. Adiantou ainda que em pouco tempo estaria pronto para ir embora. Tudo isso disse-o com sua voz grave, pausada e eu soube que estava doente.

Mas, à exceção dos dias que antecederam nossa primeira entrevista, quando se manteve num estado de absoluta apatia, portou-se extraordinariamente bem durante os quase sessenta dias em que esteve internado. Seu prontuário caracteriza-o como pessoa calma e cordial; alimenta-se e dorme regularmente, já sem auxílio de medicação; integra-se sem queixa às atividades, revelando grande desenvoltura, qualquer que seja o trabalho proposto. Questionado sobre a origem de tais conhecimentos, afirmou ter aprendido com as muitas pessoas com as quais conviveu, pessoas muito diferentes, de lugares diferentes, que tinham em comum apenas o fato de estarem todas mortas. Aprecia a leitura, o que justifica o emprego de uma linguagem correta e educada, mas parece não ter encontrado nenhum volume que lhe despertasse o interesse dentre aqueles da pobre biblioteca do hospital.

Confesso que mantê-lo aqui foi uma decisão quase pessoal, quando os demais membros da equipe atestavam suas totais capacidades para viver normalmente fora da instituição. Passei por sobre os sensatos argumentos pela falta de leitos enquanto a Assistência Social buscava alguém que pudesse recebê-lo, interessar-se por ele. Esgotadas as receitas para fazê-lo falar mais do que desejava, tendo sido descartado pela polícia o seu envolvimento com os suicídios no cortiço, não houve outra solução senão conseguir-lhe alguma verba e devolvê-lo às ruas.

Observo-o com olhos profissionais, com os olhos leigos e com os olhos da pura obstinação e só consigo continuar imaginando como um homem com tantos predicados como Alfinete permaneceria sem um nome, vivendo de um modo tão precário, sem origens e sem história. Sua personalidade não me parece sensível aos apelos dessas seitas fundadas sobre um estoicismo fanático; não parece igualmente pessoa adequada a votos de pobreza ou similares, não tendo revelado a menor sombra de qualquer tipo de religiosidade nas entrevistas. Que tipo de homem é Alfinete? Declaro a ele minha curiosidade e me responde - como o fizera tantas outras vezes - que prefere não falar nisso. Quase volto a instá-lo para que ponha fim ao seu mutismo, dizendo que será impossível deixá-lo ir caso não revele aquilo que desejo saber, mas me contenho, imaginando se seria possível encarregar alguém de segui-lo pelas ruas.

Então se vai, com suas passadas de pessoa comum e eu permaneço com a sensação de estar cometendo um grave erro.

A secretária me liga do consultório, avisando que as duas últimas consultas da tarde foram canceladas. Agradeço sem esconder minha satisfação. Agrada-me a idéia de poder ir mais cedo para casa, sinto-me tenso, desatento. Relaxar sozinho e despreocupado é um luxo a que não me dou com freqüência. Saio do hospital sentindo-me cansado e rodeado de angústias, batendo as mãos nos bolsos à procura de algo que não sei o que é.

Aqui, parado diante do elevador, no prédio onde moro, incomoda-me o fato de estar distraído a ponto de não me lembrar de como entrei no carro à porta do hospital, que ruas percorri, como cheguei. Trabalho demais? Não, se foram poucos pacientes na última semana, as reuniões adiadas. Talvez esteja muito só... Procuo, mas não obtenho o vazio que costumava auxiliar-me no processo de autocomiseração destinado a fazer-me companhia. Falta algo, algumas dores. Estou em casa. Deito-me no sofá e fico olhando os pés enormes, balançando-se à distância. A música incomoda esse silêncio que incomoda tanto; levanto-me e ando pelo apartamento sem conseguir relaxar um músculo sequer. Penso em ligar para alguém, mas subitamente me dou conta que minha mente esvazia-se de nomes, endereços, compromissos, uma agenda que houvesse jogado fora por engano. Algo cala-se em mim rapidamente, mas não me assusta. Agora só desejo fazer a barba, um banho, procurar no guarda-roupa algo mais adequado para vestir que esse traje de médico, essas roupas folgadas. Diante do espelho observo meu rosto magro e marcado, a barba mal feita. A espuma de barba contrasta com a pele escura, meus olhos se abismam para dentro do reflexo. Sob o chuveiro a água cai com frio alívio, lavando o pó, o odor dos alojamentos do hospital. Enxugo-me com estranhas, mas macias toalhas. Visto-me, enfim, com minhas próprias roupas.

Agora caminho já mais tranqüilo pelo apartamento. Sei que muito em breve voltarei a pensar em suicídio, mas por hora quero apenas me preparar para a entrevista médica. Sabem os médicos, sei eu que estou em perfeitas condições e que não existe qualquer motivo para reter-me por mais tempo. Os entraves com a polícia são contornáveis, sei-o por já ter me enfrentado com eles em outras ocasiões. A rigor, a culpabilidade é algo que não só incomodar-me; de mim só se pode dizer que sei olhar,

encontrar certos ferimentos fundos, quistos, germes encapsulados e trazê-los à luz. Mas não sou capaz da indiferença perante o desespero genuíno, perante uns últimos olhos.

Então respiro fundo e me examino: agora. Não espero pelo enfermeiro e abro eu mesmo a porta do consultório. Ali está o médico, a minha espera. Ele me cumprimenta, sento-me diante dele e respondo às perguntas que me faz, desconfiado. Talvez sinta algo a incomodá-lo, mas já é tarde, já me disse o que era preciso e agora não há como voltar atrás. Pergunta-me mais uma vez acerca do passado, que não existe; quer saber onde aprendi a lidar com serras e plainas, a observar os sinais de vida na madeira morta; quem me ensinou os segredos das raízes, brotos, enxertos, o modo de conversar com a terra. Calo-me. Brevemente, estas mesmas mãos estarão prontas também para curar. Sorrio quando me comunica que estou curado.

Levanto-me e nos despedimos. Procura-me ainda com uma última pergunta, um olhar, e não é capaz de enxergar-se.

Já na rua, procuro um local de onde posso observar a janela do consultório no segundo andar. Não é preciso esperar muito e lá está o médico abrindo a janela, emprestando ao gesto a gravidade dos que vão morrer. Sua decisão lhe escapa, mas sabe o que tem que ser feito. Avança sem receio rumo ao parapeito e salta de cabeça para baixo, preciso. Um baque que não ouço e estremeço violentamente. Preciso sair dali depressa, antes que comece. Ando pelas ruas sentindo a dor horrível que já vem para barrar-me os passos. Sou mais um. Em poucos dias estarei novamente pronto para ir embora.